

A IDEOLOGIA NO LÉXICO DE *BATELAJE*, DE EDVALDO SANTANA

Beatriz Daruj Gil

Universidade de São Paulo (USP)

biagil@usp.br

RESUMO: Tendo como base teórica a Análise Crítica do Discurso de orientação sociocognitiva, este artigo apresenta as relações entre léxico e ideologia, enfatizando como se relacionam, mediadas pela cognição, a escolha lexical, considerada propriedade discursiva, e a sociedade. Nessa perspectiva, analisa o léxico da canção *Batelaje*, de Edvaldo Santana, com o objetivo de descrever como o léxico contribui para a construção de determinadas visões de mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Canção. Cognição. Escolha lexical. Ideologia. Visão de mundo.

ABSTRACT: Based on the theoretical studies of the Critical Discourse Analysis of socio-cognitive orientation, this article presents the relationship between lexicon and ideology, emphasizing how they relate, mediated by cognition, lexical choice, considered as discourse property, and the society. From this perspective, analyzes the lexicon of song *Batelaje* composed by Edvaldo Santana, aiming to describe how the lexicon contributes to the construction of certain worldviews.

KEYWORDS: Song. Cognition. Lexical choice. Ideology. Worldview.

1 Léxico e ideologia

As palavras escolhidas para a constituição do discurso nascem amparadas por um contexto, seu provedor de identidade. Grávidas de mundo (FREIRE, 1986, p. 23), reservam-se, em cada atualização, à expressão de uma opinião, visão de mundo, paixão ou emoção.

As escolhas lexicais são, portanto, uma das propriedades do discurso mais orientadas à experiência e à prática social, o que faz do léxico um módulo da língua relevante para o estudo da relação entre visões de mundo e produções escritas e orais.

Para estudar essa relação, Van Dijk (2003) define um triângulo em cujos vértices estão *Discurso, Sociedade e Cognição*, defendendo a existência de uma interface cognitiva entre o discurso e a prática social. A *cognição* é constituída de dois tipos de memória, a *episódica*, que reúne crenças fundamentadas em experiências pessoais e a *social* que congrega crenças e conhecimentos compartilhados. Os *modelos mentais* são as representações mentais da memória *episódica* e estão divididos em *modelos mentais contextuais*, que consistem nas crenças e pensamentos que o enunciador possui sobre o que pensam e o que são seus interlocutores, sobre sua identidade, o tempo e o espaço do ato enunciativo; e *modelos mentais de acontecimentos*, o que se sabe sobre as situações de que falam e escrevem os enunciadores, e que servem tanto como ponto de partida de quem constrói o discurso como de quem o interpreta. Os modelos constituem a “base mental do discurso oral e escrito localizado: são aquilo de que as pessoas falam, aquilo a que se referem”. (VAN DIJK, 1997, p. 117)

No que se refere à *sociedade*, as mentes incorporam e utilizam determinada visão de mundo e conectam-se socialmente, partilhando, assim, modelos de entendimento da realidade, as ideologias, que orientam suas práticas sociais e, por consequência, seus discursos.

Os aspectos sociais dos discursos podem ser analisados então em um *plano local*, observando-se a interação e a situação comunicativa, ou seja, os *modelos mentais contextuais*, e em um *plano global*, considerando os grupos, instituições e organizações nos quais determinado discurso se insere.

Cada um desses grupos ou instituições é definido por origem, religião, idioma, atividade profissional ou alguma outra característica compartilhada por seus membros. Possuem uma ideologia própria e tratam de divulgá-la por meio do *discurso* e assim captar novos membros para que sua ideologia se mantenha viva. É ela que retrata o grupo, une e identifica os membros, o que facilita o surgimento, entre

aqueles que a partilham, da sensação de poder da união em torno de algo em comum.

Nessa relação entre práticas sociais e discurso, mediada pela cognição, a escolha lexical ocupa papel primordial. À medida que conhece seres e objetos, o homem tem a necessidade de categorizá-los e nomeá-los, construindo para isso um sistema classificatório: o léxico. Acumula, então, signos lexicais e desenvolve modelos categoriais de geração de novas palavras para ampliar seu repertório vocabular e designar novos aspectos da realidade dos quais ele se apropria. O progresso tecnológico e científico e as alterações sociais contribuem, assim, para a expansão contínua do léxico, considerado um sistema aberto que se desenvolve junto com o homem e a sociedade. (BIDERMAN, 2001)

O conjunto de unidades lexicais de uma língua espelha, portanto, a experiência humana acumulada e, particularmente, traços das práticas culturais e sociais dos grupos. Quando essas unidades do léxico são manifestadas no uso da língua, demonstram as alterações dessas práticas, deixando evidentes os incessantes movimentos humanos em seus hábitos sociais e culturais.

Atualizadas no discurso, revelam traços ideológicos e visões de mundo dos sujeitos da enunciação, explicitando qual é a percepção que os enunciadores do discurso têm da realidade.

Pertencentes ao nível do sistema da língua, os *lexemas* são unidades virtuais do léxico porque ainda não se atualizaram discursivamente. O *vocabulo*, unidade léxica atualizada repetidamente em um vocabulário de um grupo, pertence ao nível da norma – conjunto de realizações tradicionais e de uso comum do grupo linguístico. A *lexia*, também denominada palavra-ocorrência, é a unidade lexical atualizada em um discurso particular, como resultado de uma escolha feita pelo enunciador de acordo com as necessidades da situação de enunciação, singular e única.

Para o estudo das estruturas sociais e culturais associadas à produção lexical, é necessário, portanto, avaliar os elementos lexicais nas manifestações discursivas, nos enunciados (*lexias*) e não no sistema (*lexemas*), usando teorias linguísticas que deem conta das

relações entre estruturas do discurso e estruturas sociais, como, por exemplo, a orientação sociocognitiva da Análise Crítica do Discurso, escolhida como fundamento teórico desta análise. (VAN DIJK, 1997; 2003)

Considerando então a seleção lexical como uma das mais relevantes propriedades discursivas para o estudo de aspectos sociais da linguagem, procederemos a uma análise do léxico da canção *Batelaje*, de Edvaldo Santana, por meio da organização do vocabulário em campos léxico-semânticos, com o objetivo de verificar como se dá a construção da ideologia de um grupo por meio das escolhas vocabulares.

2 Contexto de produção de *Batelaje*: Edvaldo Santana e a periferia paulistana

Chamado pela mídia de Tom Waits da periferia, devido ao timbre peculiar de sua voz, Edvaldo nasceu na periferia de São Paulo, local onde iniciou sua formação e produção musical marcadas pela diversidade de ritmos como samba, choro, blues, rock, entre outros.

Na década de 1960, criou seu primeiro grupo musical, o Caaxió, que mais tarde ganharia o nome de Matéria Prima. Nos anos 70, ao mesmo tempo em que tocava na boca do luxo/lixo paulistana, o grupo apresentou-se em programas televisivos de audiência popular. Com a intensificação dos movimentos populares no Brasil, coincidentes com a abertura política inaugurada pelo fim da ditadura, Edvaldo Santana integra um importante movimento, o MPA – Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista –, que atuou na promoção da arte na periferia e que, mais tarde, inspirou a criação de projetos culturais na capital paulista.

Em meados da década de 1980, Edvaldo se lança para a carreira solo e, a partir do início dos anos 90, lança quatro CDs (*Lobo Solitário* – 1993, *Tá assustado?* – 1995, *Edvaldo Santana* – 1999 e *Amor de Periferia* – 2004).

Elogiado pela crítica, mas subestimado pelos programas de grande audiência, Edvaldo é um cronista da periferia que revela em

suas letras a miséria, a fome, as injustiças sociais, a proliferação das armas, sem nenhum tom panfletário.

Por meio de uma poesia que mistura traços urbanos, periféricos e agrestes, o cantor registra a realidade dos subúrbios, canta cenas e reminiscências de uma periferia muito diferente daquela que aparece hoje em dia nos raps, filmes e livros. (AQUINO, 2006)

A periferia é o espaço onde se concentra a pobreza urbana. É composta por bairros localizados no extremo da região metropolitana, esquecidos pelas políticas estatais e, em geral, suas moradias são construídas pelos próprios moradores em áreas irregulares e ilegais.

Em São Paulo, as periferias registram uma divisão socioterritorial evidente, sendo marcadas como o lugar dos dominados. Sem investimentos sociais e urbanísticos nos bairros pobres, ou com investimentos limitados e sem qualidade, o desenvolvimento socioeconômico e urbano ocorreu em regiões habitadas por grupos de maior poder aquisitivo, intensificando, dessa forma, o distanciamento entre grupos sociais, o que resultou na segregação.

As causas dessa segregação relacionam-se ao controle e ao lucro que o mercado imobiliário tem sobre as melhores e piores localidades e o tipo de utilização das propriedades e também ao poder regulador do Estado sobre os espaços, aumentando o valor da terra em determinadas partes da cidade, impossibilitando a população de baixa renda de residir ali, assim como incrementando certas regiões com investimentos e obras públicas e abandonando outras ou implementando nelas serviços públicos de baixa qualidade.

São Miguel Paulista, região da periferia de São Paulo, é onde nasceu e cresceu Edvaldo Santana e lugar referenciado em algumas de suas canções. Já se chamou Aldeia de Ururaí, São Miguel de Ururaí e Baquirivu. É um dos mais antigos distritos da zona leste paulistana e está localizado no extremo leste da cidade. Foi um aldeamento indígena no século XVI e hoje é uma das regiões mais populosas da cidade.

Nas primeiras décadas do século XX, junto a outros bairros da região leste, foi posto de fornecimento de produtos agrícolas. Industrializou-se a partir da década de 1930 com o início das atividades da Companhia Nitro Química e da Celosul, indústrias que contribuíram para o desenvolvimento da região atraindo muitos migrantes nordestinos em busca de trabalho. Ainda que tenha sido um período de ascensão da região, o grande fluxo de moradores de baixa renda fez com que houvesse um processo de urbanização desorganizado, já que as construções eram feitas em lotes muito pequenos e sem infraestrutura, o que gerou precariedade na vida dessa população.

3 Análise léxico-discursiva de *Batelaje*

Batelaje

Vou bater laje, chegado, no feriado

Vou bater laje, chegado, no feriado

Se você quiser chegar, é bem chegado

Se você quiser chegar, é bem chegado

No segundo andar vou morar, juntar os trapos

No segundo andar vou morar, juntar os trapos

Prometi pro meu amor aumentar o barraco

Prometi pro meu amor aumentar o barraco

Cerveja, carne de gato, farofa, areia no prato

Cimento, um balde de pinga, vamos tirar um retrato

Cerveja, carne de gato, farofa, areia no prato

Cimento, um balde de pinga, vamos tirar um retrato

Alho e limão para o santo tirar quebranto

Alho e limão para o santo tirar quebranto

Eu vou morar lá no alto, perto do santo

Eu vou morar lá no alto, perto do santo

(SANTANA, 2004)

O léxico de *Batelaje* constrói um conjunto de dados culturais que pode ser sintetizado no tema *transformação do trabalho em lazer na realidade da população de baixa renda*, que se subdivide em outros três que, por sua vez, configuram campos léxico-semânticos, a

saber: *tipo de moradia, mistura da construção e da alimentação e sincretismo religioso*. O quadro abaixo mostra o léxico organizado nos campos:

<i>Construção da moradia</i>	<i>Mistura da construção e da alimentação</i>	<i>Sincretismo religioso</i>
Batelaje Bater laje, chegado, no feriado Segundo andar Juntar os trapos Prometi pro meu amor, aumentar o barraco	Cerveja Carne de gato Farofa Areia no prato Cimento Balde de pinga	Alho e limão para o santo tirar o quebranto Vou morar lá no alto, perto do santo

No primeiro campo léxico-semântico, *Construção da moradia*, o título da canção, *Batelaje*, é formado pelo segmento verbal *bate* (extração do *r* de *bater*) associado ao complemento *laje*, criando um substantivo que nomeia um evento de lazer e trabalho. Considera-se o *Batelaje* um processo, já que não se resume à construção, ao almoço ou à música, mas a um conjunto de todas essas práticas. Muito comum nas férias, o *Batelaje* é a construção do andar de cima da casa, comumente feita por “chegados”, vizinhos que se reúnem no fim de semana ou feriado para a construção coletiva acompanhada de um almoço, geralmente feito pelas mulheres da comunidade, e de uma atração musical – grupo de samba, pagode composto por membros da comunidade que também integram o evento, por exemplo.

Já em *bater laje, chegou, no feriado*, o enunciador faz um convite para outra pessoa (*chegado*, correspondente a *meu chapa, meu irmão, mano*) participar da construção da moradia, batendo laje. Não é apenas a ajuda na construção, mas também a participação no almoço que será oferecido que, junto com a música, fazem a festa. E tudo isso é feito *no feriado*, dia de descanso usado para trabalhar.

Ainda no campo léxico-semântico *Construção da moradia*, as lexias *segundo andar*, *juntar os trapos* e *prometi pro meu amor aumentar o barraco* demonstram que a construção está associada ao aumento da família: as pessoas formam novas famílias (*juntar os trapos*) e as casas na periferia costumam ser construídas em terrenos pequenos, permitindo que a ampliação, necessária por causa do aumento da família, seja feita apenas para cima, no *segundo andar*. Os homens então, para bem-estar da nova família, *aumentam o barraco*.

O segundo campo léxico-semântico, *Mistura da construção e da alimentação*, está organizado em dois subcampos, o da construção e o da alimentação, e as lexias de cada um deles atualizam-se misturadas: a *cerveja*, a *carne de gato* e a *farofa* são alimentos, mas o que está *no prato* é a *areia* da construção; o *cimento* e o *balde* são usados para bater laje, construir, mas o que está no balde é a *pinga*, o que confirma a relação entre o lazer (o almoço, a bebericagem) e o trabalho (a construção do segundo andar da casa).

O sincretismo religioso também marca as escolhas discursivas da canção. Em *alho e limão para o santo tirar o quebranto*, há referência às religiões de origem africana e, em *lá no alto, perto do santo*, outra referência ao Deus cristão que está no céu.

O enunciador constrói o discurso de *Batelaje* expondo o conhecimento que tem da realidade de seu grupo, seus modelos de acontecimento – a prática do lazer misturada ao trabalho, o sincretismo religioso, pontos de partida para a compreensão do interlocutor, que, por sua vez, também possui um modelo de acontecimento: um conhecimento da situação de que se fala, o que fará com que ele construa significados com base na sua visão sobre o tema enunciado. Além disso, o enunciador pode acreditar que seu interlocutor conhece a realidade da periferia, ou que desconhece ou que conhece e desqualifica-a, o que demonstra que ele possui uma crença sobre o que pensa seu interlocutor, um modelo contextual. São, portanto, os modelos contextuais e de acontecimento a base cognitiva que influencia a construção discursiva. Modelos influenciados por uma cognição social, um entendimento coletivo da própria experiência.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, Marçal. Edvaldo Santana canta uma outra periferia em seu novo CD. Disponível em <<http://www.edvaldosantana.com.br/imprensa.htm>>. Acesso em 21 jun. 2006.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Fundamentos da Lexicologia. In: ——. *Teoria Lingüística*. Teoria lexical e computacional. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez, 1986.
- SANTANA, Edvaldo. *Amor de Periferia*. (CD). São Paulo: 2004.
- VAN DIJK, Teun Adrianus. *Ideología y discurso*. Barcelona: Ariel, 2003.
- . Semântica do discurso e da ideologia. In: PEDRO, Emília Ribeiro. (Org.) *Análise Crítica do Discurso*. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.